

BIBLIOTECA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: UM OLHAR SOBRE A BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

LUCIANE SILVEIRA AMICO MARQUES^{*}
MARCIA RODRIGUES^{**}

RESUMO

Este estudo buscou revelar a percepção dos usuários da Biblioteca Rio-Grandense a respeito do valor patrimonial e turístico desta instituição para a cidade do Rio Grande. A pesquisa de caráter exploratório-descritivo envolveu revisão de literatura, estudo de usuário e análise de conteúdo. As informações foram obtidas por meio de entrevistas contendo questões semiestruturadas relacionadas ao tema em questão. Da análise de conteúdo emergiram três categorias: Memórias e usos da Biblioteca; Relevância da Biblioteca; Patrimônio. Foi possível perceber que: a) os usuários reconhecem a Biblioteca como parte integrante do roteiro turístico da cidade; b) entendem o que é patrimônio e a importância de sua valorização; c) apoiam a realização de ações que visem à preservação e conservação da Biblioteca Rio-Grandense.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca. Memória. Patrimônio. Biblioteca Rio-Grandense.

ABSTRACT

This study sought to reveal the perception of the users of the Rio-Grandense Library about the heritage and tourist value of this institution to the city of Rio Grande / RS (Brazil). The exploratory and descriptive research involved literature review, user study and content analysis. The information was obtained through interviews containing semi-structured questions related to the topic in question. Content analysis revealed three categories: Memories and the Library uses; Relevance of the Library; Heritage. Through the study conducted was observed that: a) users recognize the library as part of the sightseeing tour of the city; b) they understand what is heritage and the importance of their recovery; c) they support the realization of actions for the preservation and conservation of the Rio-Grandense Library.

KEYWORDS: Library. Memory. Heritage. Rio-Grandense Library.

^{*} Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. lulutur_rs@hotmail.com

^{**} Professora do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande (ICHI/FURG); doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel. marciarodriguesfurg@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A cidade do Rio Grande adota o lema “Rio Grande: cidade histórica, cidade do mar” devido ao fato de ser a cidade mais antiga em colonização portuguesa do Estado do Rio Grande do Sul e por sua localização geográfica favorecer estreita relação social, econômica, política e cultural com o contexto marítimo. Nesse contexto está inserida a Biblioteca Rio-Grandense, a mais antiga biblioteca do Estado, que preserva em seu vasto acervo coleções de personagens ilustres que fizeram parte da história e da memória do município. Possui obras de grande valor histórico e patrimonial não só para a cidade, mas para além das fronteiras, sendo reconhecida por decreto estadual como instituição de utilidade pública e de reconhecido valor patrimonial.

O presente artigo, oriundo de pesquisa realizada pela acadêmica como requisito parcial para a conclusão do curso de Biblioteconomia na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), buscou analisar e discutir a importância patrimonial e turística da Biblioteca Rio-Grandense para a esta cidade.

A Biblioteca Rio-Grandense faz parte do roteiro turístico e histórico da cidade do Rio Grande. A partir do seu vasto e rico patrimônio histórico e cultural são extraídas informações fundamentais para pesquisadores anônimos e ilustres. Inúmeras pesquisas, teses e dissertações lá foram realizadas, como foi o caso, por exemplo, do ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso, que esteve durante vários meses pesquisando o acervo sobre os escravos, tema de seu doutoramento.

O presente estudo apresenta, portanto, uma revisão teórica, através da qual se buscou demonstrar as relações entre Biblioteconomia, memória e cultura, salientando o papel fundamental de salvaguardar o patrimônio para que futuras gerações possam (re)ver sua história, salientando o que é cultura, desvendando seu passado através do viés de autores que contextualizam o Berço Cultural Lusitano, bem como o contexto da Biblioteca Rio-Grandense e seu patrimônio histórico-cultural. Na sequência são expostos os procedimentos metodológicos realizados, em que se explicitam o universo e a amostra, os instrumentos de coleta de dados utilizados e a análise das informações obtidas. Por fim, seguem-se as conclusões da pesquisa demonstrando os resultados do estudo de usuário e da análise de conteúdo, sugerindo propostas visando à ampliação da visibilidade da biblioteca mais antiga do Rio Grande do Sul.

2 CONTEXTUALIZANDO A BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE NO CENÁRIO PATRIMONIAL E TURÍSTICO DA CIDADE

Em 19 de fevereiro de 1737, foi fundada a cidade do Rio Grande, cidade mais antiga de colonização portuguesa no extremo sul do Brasil. A cidade, por sua importância, foi declarada Cidade Histórica, Patrimônio do Rio Grande do Sul. (VALENTE, 2006).

Observa-se no município um rico patrimônio cultural, composto por sítios que comprovam a importância da preservação desses bens para a conservação da identidade coletiva de sua sociedade. Entre eles, podem-se citar os edifícios tombados como Patrimônio Nacional¹, como a Igreja Matriz (atualmente Catedral) de São Pedro e a Capela da Ordem Terceira de São Francisco, em 1938, e o suntuoso prédio da Alfândega, em 1967. (BORGHETTI, 2012). Já entre os edifícios tombados como Patrimônio Estadual, podem-se mencionar o Hotel Paris e o Sobrado dos Azulejos, em 1982, o Antigo Quartel-General, em 1992, e o prédio da Prefeitura Municipal, em 1986. Foram registrados no Inventário do Patrimônio Cultural Imóvel do Rio Grande, através de parceria com o IPHAN-12^a Região e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAEE) inúmeras edificações como: a doca, banca do peixe e Mercado Municipal, bem como o edifício da Câmara de Comércio, ambientado pelo lago da Praça Xavier Ferreira, a Biblioteca Rio-Grandense e a igreja Nossa Senhora do Carmo, entre outros. (BORGHETTI, 2012).

A Emenda Constitucional nº 64, de 04 de fevereiro de 2010, através do Art. 216 da Constituição Federal, define como patrimônio cultural brasileiro:

Os bens materiais e imateriais, individuais ou coletivos, referentes à identidade, à ação, à memória dos diversos grupos compostos pela sociedade brasileira, nos quais abrangem: as formas de expressão; as maneiras de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os

¹O tombamento é um ato administrativo realizado pelo Poder Público, nos níveis federal, estadual ou municipal. Os tombamentos federais são responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e começam pelo pedido de abertura do processo, por iniciativa de qualquer cidadão ou instituição pública. O objetivo é preservar bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo a destruição e/ou descaracterização de tais bens. (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2014).

conjuntos e sítios urbanos de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 2010, p. 43).

O instrumento de proteção (tombamento, registro, inventário ou chancela, de acordo com o significado do bem a ser preservado) pode ser dado através de iniciativa de instituição internacional, nacional, estadual e/ou municipal, sendo que a proteção se dará por meio da adoção de mecanismos e instrumentos de proteção e preservação utilizados para garantir a permanência dos bens de interesse e que juntamente com a Educação Patrimonial, são políticas que garantem a preservação sem a necessidade de tombamento. (BORGHETTI, 2012).

Na sustentabilidade do patrimônio, os planos, programas e projetos, consórcios e financiamentos, isenções de impostos e taxas, são políticas e instrumentos que visam ao incentivo à preservação, garantindo a permanência e a qualidade dos bens e sítios de valor cultural. (BORGHETTI, 2012).

Além da característica patrimonial e turística, a cidade do Rio Grande apresenta perfil pesqueiro/portuário, popular por sua forte ligação com o mar: possui os Molhes da Barra que garantem acesso seguro às embarcações no denominado Porto do Mercosul. (VALENTE, 2006).

De acordo com o último Censo Demográfico, a cidade do Rio Grande conta 197.228 habitantes (IBGE, 2010). É dentro desse contexto que surge o turismo como atividade do setor terciário, mas que pode alavancar a economia local e não só através do porto do Rio Grande, único porto marítimo do Estado, mas também da pesca, do petróleo e cereais, bem como a partir da instalação de um Pólo Naval. (VALENTE, 2006).

Inserida nesta cidade, encontra-se a Biblioteca Rio-Grandense, fundada por João Barbosa Coelho e mais 22 idealistas, no dia 15 de agosto de 1846. Inicialmente surgiu como Gabinete de Leitura particular, porém, com o passar dos anos, passou a atender ao público não-sócio, assumindo uma postura de biblioteca pública, por prestar serviços à comunidade rio-grandina e demais usuários provenientes de outras localidades. (SILVA, 2011).

Sob uma nova perspectiva, a Biblioteca Rio-Grandense, após alguns anos, colocou à disposição o seu vasto acervo a todos os usuários, sócios ou não, mesmo sendo uma biblioteca privada que sobrevive das mensalidades dos sócios. O atendimento aos usuários hoje em dia é tão amplo que contempla desde crianças em

fase de alfabetização até estudiosos e cientistas das mais diversas áreas do conhecimento. Foi considerada a maior riqueza bibliográfica do nosso Estado e com acentuado valor inerente, por suas raridades com verdadeiras obras-primas. Esta associação de cunho benemérito e social orgulha a cidade do Rio Grande. (ALVES, 2005).

Conforme Alves (2006), o acervo da Biblioteca Rio-Grandense conta com um surpreendente manancial de fontes bibliográficas e documentais. O acervo de jornais é um dos mais importantes, sobretudo os rio-grandinos e sul-rio-grandenses. O periódico impresso mais antigo data de 1845: é um fascículo de *O Rio Grandense*, e o livro mais antigo é o *Diálogo de Luciano*, de 1560.

Atualmente a Biblioteca Rio-Grandense conta com três funcionários, cinco estagiários da Prefeitura, um voluntário e o presidente. Possui um acervo de aproximadamente 500 mil títulos e somente 415 sócios pagantes. A mensalidade é de R\$15,00.

3 BIBLIOTECONOMIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

Ao buscar a definição de patrimônio, observa-se que este mantém estreita relação com o conceito de identidade cultural, sendo esta, por sua vez, ligada diretamente à história e à memória dos seres humanos. Tal fato fortalece e justifica a necessidade do estabelecimento de um elo entre as informações antigas (memórias/história) e a atualidade, mantendo-as de alguma forma preservadas ao longo do tempo. Silva (1991, p. 1182) afirma:

A conjectura de memória nos envia a um conjunto de valores do passado longínquo ou abreviado: a biografia da coletividade. Por conta disso, passa a existir de maneira inevitável a noção de patrimônio histórico e artístico, e a necessidade de tombamento torna-se fatal para fins de preservação.

Segundo Rússio (1984, p. 62):

O trabalho gera bens a que se atribuem valores e significados, esses bens conformam o patrimônio cultural; o patrimônio pode ser criado, preservado e destruído. A ação preservacionista no campo dos patrimônios contribui para a constituição de identidades culturais, o que está articulado com uma questão muito séria que é a questão de soberania e de autodeterminação.

Mas de que modo a Biblioteconomia pode ser inserida nesse contexto? Segall (2001) responde a esse questionamento apresentando três níveis de apreensão da realidade dentro da Biblioteconomia, que podem ser analisados da seguinte maneira:

1º homem/sujeito: usuário, consultante, participante, público, comunidade;

2º documento/bem cultural: objetos, livros, papéis, coleção, patrimônio cultural e natural;

3º espaço/campo: edifício, sala de consulta, sala de leitura, lugar qualquer, espaço de representação, território.

Essa relação homem/documento/espaço representa o ponto de unidade conceitual para tais níveis.

Segundo Damatta (1996, p. 127), antropologicamente, “cultura é um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado [...] cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e do outro em nós mesmos”.

Revisando os conceitos propostos por Hartog (2006, p. 269), percebe-se que este defende que “a preservação do patrimônio para a humanidade está nas mãos do homem, e este possui papel fundamental para salvaguarda da memória para futuras gerações”:

A Humanidade, que toma consciência a cada dia da unidade dos valores humanos, considera [as obras monumentais dos povos] como um patrimônio comum, e, face às gerações futuras, se reconhece solidariamente responsável pela sua preservação. Ela se obriga a transmiti-lo com toda a riqueza de sua autenticidade. (HARTOG, 2006, p. 269).

Preservar o patrimônio cultural, seja ele material ou imaterial, é um dos grandes desafios da contemporaneidade, tendo em vista as rápidas transformações sociais, tecnológicas e econômicas pelas quais o mundo vem passando – corre-se o risco da perda da identidade, das raízes e das referências históricas quando se adere somente à vanguarda, descartando o passado.

O curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) foi instituído em 1974, fazendo parte de um plano de expansão da Universidade, pois a comunidade almejava novas alternativas de formação superior de modo a suprir as vagas de bibliotecários na universidade e escolas. (CABERLON, 2001). Com a implantação do curso universitário surgiria a possibilidade de uma

nova carreira no âmbito superior, vindo a qualificar as bibliotecas existentes e as novas que surgiram.

De acordo com Silveira (2009), o curso de Biblioteconomia da FURG disponibiliza, anualmente, quarenta novas vagas, ofertadas no período da manhã. As vagas são preenchidas mediante aprovação dos candidatos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), os quais se inscrevem para se formarem bacharéis em Biblioteconomia ao término de quatro anos.

Para Valentim (2000), a formação do bibliotecário presume o acréscimo de verificadas competências e destrezas e o domínio dos conteúdos do curso de Biblioteconomia. Para se tornar um bibliotecário o indivíduo necessita formação de disciplinas técnicas adquiridas, teóricas e práticas para o desempenho das funções biblioteconômicas. Segundo Milanese (2002), procurar o que foi armazenado, acondicionar o que foi registrado e historiar o que foi utópico, compreende a herança viva na memória da humanidade, o que não seria possível se não existissem as bibliotecas e os bibliotecários nelas introduzidos.

Espaços que perpetuam a memória de civilizações, suas conquistas, sua história em constante metamorfose, de acordo com Nora (1993, p. 22) são

Lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel. [...] enrolados sobre si mesmos. Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.

Na concepção de Nora (1993), todo lugar de memória é um lugar duplo; lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade; e recolhido sobre seu nome, porém aberto sobre a extensão de suas significações.

Lugar da memória nacional, espaço da conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, uma biblioteca é também o teatro de uma alquimia complexa em que, sob o efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam as forças, os movimentos do

pensamento. É um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor do conhecimento, a serviço da coletividade inteira (JACOB, 2000, p. 9).

Nora descreve quão apaixonante é a metamorfose do lugar de memória para resistir a tudo e a todos. E a Biblioteca Rio-Grandense é o perfil ideal para comprovar que a vida e a morte andam juntas e entrelaçadas resgatando um tempo, uma data, eternizando fatos de alguma época para que a busca do usuário seja satisfeita.

Para Jacob (2000), a biblioteca se torna um recinto de memória nacional, local de arquivamento do patrimônio intelectual/literário/artístico, um lugar que dialoga com o passado, de inspiração e novidade, e de conservação, servindo à sociedade.

A história das bibliotecas no Ocidente é indissociável da história da cultura e do pensamento, não só como lugar de memória no qual se depositam os estratos das inscrições deixadas pelas gerações passadas, mas também como espaço dialético no qual, a cada etapa dessa história, se negociam os limites e as funções da tradição, as fronteiras do dizível, do legível e do pensável, a continuidade das genealogias e das escolas, a natureza cumulativa dos campos de saber ou suas fraturas internas e suas reconstruções. (JACOB, 2000, p. 11).

Todo o patrimônio produzido (intelectual/literário/artístico), grifado por Jacob (2000), é um colóquio do presente com o passado, em um espaço dialético à disposição nas dependências de uma biblioteca.

Conforme Rodrigues (2014), os lugares de memória emergem de maneira alternativa, materializando nossas próprias memórias. Torna-se imprescindível, portanto, criar bibliotecas, museus, arquivos, a fim de preservar o que nossas memórias não conseguem na totalidade. Se não fossem as bibliotecas, as memórias se perderiam ao longo do tempo, bem como as informações nesses lugares de lembrança.

3.1 Biblioteca Rio-Grandense: patrimônio histórico/memória/cultura do Rio Grande do Sul

De acordo com Piragine (1992), mais de vinte amigos se determinam e criam na década de 1840 um gabinete de leitura, aperfeiçoando o gosto pelo conhecimento. A mais antiga instituição

cultural da cidade e primeira biblioteca do Estado possui rico material do passado, sobre a Guerra do Paraguai, história do Rio Grande do Sul, e vários jornais locais, de Porto Alegre e do Rio de Janeiro.

No mesmo local que hoje é ocupado pela Biblioteca Rio-Grandense era sede da Casa da Câmara, prédio neoclássico. Fundada no século XIX com o nome de Gabinete de Leitura pelo português João Barbosa Coelho e mais de vinte idealistas, é a mais idosa do Estado e possui mais de 450 mil títulos. (ALTMAYER, CARNEIRO, 2008).

O edifício da biblioteca está carregado de valores que são simbolicamente construídos por duas grandezas que lhe dão um sentido vasto. Uma delas é a contribuição para o desenvolvimento do cidadão e a outra a proteção dos bens culturais que estão sob sua guarda. (BARBALHO, 2002).

Em 1846 foi inaugurado o Gabinete de Leitura, que teve vários endereços, passando por inúmeras mudanças até a construção do prédio atual. Possui um enorme acervo de jornais, obras raras, além de centenas de milhares de títulos de livros. (TORRES, 2008).

Para Martins (2002, p. 403-404),

O projeto dos Gabinetes de Leitura, a julgar pelos seus Estatutos e mesmo por sua prática, apresentava aspectos avançados, constituindo-se em projeto completo, que não se limitava a introduzir nas rústicas estantes apenas livros que veiculavam a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade – palavras de uso corrente e de entendimentos e significados múltiplos naqueles dias. Criava-se, efetivamente, uma teia de informações, de captações ideológicas, traduzida não só pela existência de títulos de obras normalmente censurados, como pela troca de periódicos de caráter contestador, conforme a tônica do periodismo vigente, marcado então pela propaganda republicana. [...] Acoplava-se uma escola de primeiras letras, responsável pela formação de um público leitor. Finalmente, numa postura filantrópica e num ensaio democrático, facultava-se a entrada àquele desprovido de posses, independente de sua filiação como sócio e/ou pagamento de taxa de aluguel. Na sociedade [...] da época, na qual o homem livre vivia nas fímbrias do sistema, era um espaço de inserção significativo, um dos raros para expressar sua representação.

A Biblioteca Rio-Grandense possui acervo e prédio tombados através da Lei Estadual n.º 12.508 como patrimônio histórico e

cultural do Rio Grande do Sul.

Com a invasão napoleônica a Portugal, a família de João Barbosa Coelho migrou para o Brasil em 1828. Residiu na Bahia, depois no Rio de Janeiro (onde ele se profissionalizou guardalivros), e chegou à cidade do Rio Grande com 26 anos, em 21 de outubro de 1845. Em parceria com amigos lusitanos, no dia 15 de agosto de 1846 fundou o Gabinete de Leitura. A primeira eleição da diretoria foi feita em 23 de setembro de 1846 e com vinte e cinco sócios presentes foram eleitos: José R. da Costa, diretor; José M. de Lima, tesoureiro; Meneandro R. Pereira, secretário; Joaquim F. Dias, tesoureiro; João B. Coelho, bibliotecário, e Seraphim Vasques, conservador. (SILVA, 2011).

O significado de biblioteca pública é mais abrangente que outros tipos de bibliotecas; a designação correta inclui ser integralmente aberta aos habitantes locais. É ser coletivo e não contemplar uma definida comunidade como as universitárias, as escolares e as especializadas. Seu acervo deve disponibilizar não só literatura em geral, mas de saúde pública, de fontes de empregos, de organização do governo, de serviços públicos e de informações variadas. Com ambiente realmente público e agradável, que possa haver interação com escritores, incentivando a leitura, ter atividades culturais e de lazer. (BIBLIOTECA NACIONAL, 1999).

Segundo Rodrigues (2014), qualificada como uma instituição de direito privado, a Biblioteca Rio-Grandense é conceituada como entidade de utilidade pública desde 1919. Possui acervo fechado: os usuários não têm acesso direto às obras. Para retirar o material, devem solicitá-lo a um atendente, dirigindo-se ao balcão de informações.

Retomando a história da criação da Biblioteca Rio-Grandense, observa-se que esta foi fundamental para o desenvolvimento cultural, social e da identidade da comunidade local, pois proporcionou aos moradores da cidade acesso ao ensino gratuito por meio de cursos de alfabetização, e posteriormente emprestou seu espaço para o primeiro curso da Escola de Engenharia da antiga Fundação Cidade do Rio Grande, atualmente Universidade Federal do Rio Grande. (RODRIGUES, 2014).

Conforme Alves (2006), a Biblioteca Rio-Grandense possui a coleção completa do jornal local *Diário do Rio Grande*. Seu valor é inestimável, pois além do acervo bibliográfico, a Biblioteca possui uma importante coleção numismática de mais de duas mil moedas e outras diversas singularidades raras.

A Biblioteca Rio-Grandense atende de segunda a sexta-feira,

das 9h às 17h. Suas taxas de serviço são as seguintes: os sócios da biblioteca pagam R\$ 15,00 por mês e têm direito a retirar um livro. Para consultas de obras anteriores a 1960 é cobrado o valor de R\$ 2,00 e demais obras R\$ 1,50 (sócios não pagam). O atendimento a distância é executado mediante preenchimento de formulário contido na página *on-line* da instituição com retorno em 48 horas após a solicitação. Por *e-mail* é encaminhado o preço da consulta, o material é fotocopiado e enviado exclusivamente por correio.

4 METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado na Biblioteca Rio-Grandense, situada na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

A pesquisa incluiu revisão teórica, a fim de obter subsídios para a construção do estudo proposto, estudo de usuário e análise de conteúdo.

Os sujeitos do estudo foram os usuários da Biblioteca Rio-Grandense que aleatoriamente chegaram à biblioteca no período de julho a agosto de 2014 e sentaram-se no salão principal – logo após solicitar a informação desejada à bibliotecária, foram abordados pela acadêmica pesquisadora que, mediante seu consentimento, realizou as entrevistas.

Os dados coletados a partir das entrevistas foram revisados, digitados e, posteriormente, tabelados. O roteiro das entrevistas contemplou questionário sócio-demográfico e questões abertas. Por meio do questionário sócio-demográfico foi possível delinear o perfil dos frequentadores da Biblioteca Rio-Grandense. As questões abertas diziam respeito à relação Biblioteca – Memória – Patrimônio. Estas foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), a qual se caracteriza por um conjunto de técnicas para análise das comunicações. Segundo Bardin (2011) existem três distintas fases da análise de conteúdo: a primeira, chamada de pré-análise, consiste na organização das ideias iniciais a fim de operacionalizar e sistematizar os dados, com a retomada das hipóteses e dos objetivos da pesquisa em relação ao material coletado, e a elaboração de indicadores que nortearão a interpretação final. A pré-análise pode ser dividida em quatro diferentes etapas: a leitura flutuante, na qual deve haver um contato preciso com o material de análise, de modo a conhecê-lo e levantar hipóteses; a constituição do corpus, que envolve a organização do material de forma a respeitar regras como exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência; a formulação de

hipóteses e objetivos, em que a intuição leva à formulação de pressupostos que possibilitam o surgimento de questionamentos oriundos do processo de análise; a referenciação dos índices e elaboração dos indicadores a serem seguidos na análise, e a preparação do material.

A segunda etapa consiste em uma fase longa em que é realizada a exploração do material a fim de codificar os dados brutos para atingir as características pertinentes do texto, desta forma, são realizadas operações de codificações, podendo ser de forma manual ou computadorizada. A terceira fase é composta pelo tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados obtidos por meio do questionário sócio-demográfico constatou-se que dos nove entrevistados: cinco eram do sexo feminino e quatro do masculino; quanto à profissão: sete estudantes, um auxiliar de biblioteca e um fiscal de tributos do município; cinco referiram conhecer a história da Biblioteca Rio-Grandense; seis relataram utilizar a biblioteca mais de cinco vezes até o momento da entrevista. As idades dos entrevistados variaram entre 12 e 60 anos.

A partir da análise das respostas obtidas nas questões abertas, elencaram-se três categorias: 1) Memórias e usos da Biblioteca; 2) Relevância da Biblioteca; 3) Patrimônio. Estas emergiram das temáticas principais e mais representativas nos relatos, de modo a contemplar a análise proposta por Bardin (2011):

5.1 Memória e usos da Biblioteca

Quando questionados a respeito da primeira lembrança relacionada à Biblioteca Rio-Grandense, os entrevistados relataram:

“Na infância, pesquisando no 1º e 2º grau”. (P1)

“Pesquisa”. (P3)

“Na terceira série vim aqui fazer trabalho escolar sobre bacias hidrográficas”. (P4)

“Quando fiz estágio, no primeiro ano que eu entrei na biblioteconomia tinha uma professora e ela conseguiu uma vaga para eu fazer um estágio voluntário aqui”. (P8)

Como se vê, os entrevistados apresentaram suas memórias referentes à Biblioteca, elencando momentos que nela vivenciaram,

relembrando pesquisas e trabalhos na infância, bem como estágios do curso de graduação em Biblioteconomia. Foi possível perceber que a maioria dos usuários tem lembranças relacionadas à Biblioteca Rio-Grandense e, muitas destas, diferentes entre si; mesmo sendo relacionadas às pesquisas e trabalhos, compreendem momentos e fases diferentes na vida de cada um.

Izquierdo (1989) corrobora ao afirmar que a memória é o nosso senso histórico e de identidade pessoal, ou seja, a pessoa é o que é, pois lembra quem é. E existe alguma coisa em comum entre todas essas memórias como o arquivamento do passado através de imagens ou reproduções que podem ser acessadas. Foi possível conhecer algumas memórias dos entrevistados, que os remetem a um passado de vivência nesta biblioteca, ou seja, o senso histórico de cada um.

Quanto às ações de divulgação da biblioteca, se estas têm se mostrado eficazes, expuseram:

“Em parte tem se mostrado”. (P1)

“Não, não tem a divulgação que deveria ter”. (P2)

“Acredito que não, porque acho que ela é pouco usada; pelo potencial, poderia ser aproveitada mais”. (P4)

“Sim. Deveria ter um pouquinho mais de divulgação principalmente nos cursos (de graduação), para eles pesquisarem esse material muito antigo que muitas vezes não sabem onde encontrar”. (P8)

De modo geral, foi exposto que as ações de divulgação da Biblioteca não são completamente eficazes, pois, em uma cidade com mais de duzentos mil habitantes, tem somente pouco mais de quatrocentos sócios pagantes. Levando em consideração seu potencial, a qualidade do acervo e sua importância histórica para a cidade do Rio Grande, torna-se necessária uma mobilização para divulgar/apresentar à população esta imensurável fonte de saberes, disponível para todos que almejam adquirir informações e, conseqüentemente, conhecimento.

Amaral (2004) destaca que a utilização do marketing como uma eficaz ferramenta estimula a interação entre as organizações e seus clientes no que se refere à oferta e demanda de serviços e produtos. Ações de web marketing, bem como promoção na Internet, correio eletrônico, blogs, entre outros, podem ser aplicados em unidades de informação. A Biblioteca Rio-Grandense deveria divulgar seu vasto acervo, de modo a alcançar a visibilidade necessária e despertar o interesse dos leitores/usuários.

Em relação aos motivos que os levam até a Biblioteca Rio-Grandense, referem:

“Utilizo para atividades universitárias o material que aqui está”. (P2)

“Eu gosto do ambiente para estudar, ler. É tranquilo e calmo”. (P4)

“Usar para pesquisas e trabalhos”. (P7)

“Principalmente porque gosto de estudar, pesquisar a história de Rio Grande dos anos 40, os portos, as cidades eram diferentes e modificaram bastante”. (P8)

“Busca de informações, o atendimento que é muito bacana, muito bom. E o sentimento de bem-estar no meio de todos esses livros antigos, mas com bastante conhecimento, cultura etc.” (P9)

O principal motivo que os leva à Biblioteca Rio-Grandense é o uso do acervo, para estudos e pesquisas, no entanto um aspecto que chamou a atenção foram os relatos referentes ao ambiente desta biblioteca, considerado calmo e tranquilo, bem como o bom atendimento e acolhimento dos usuários. Foi citada ainda a utilização da biblioteca para pesquisas comparativas entre a cidade do Rio Grande das décadas passadas com os dias atuais, pelo fato de esta possuir um vasto acervo histórico sobre a cidade.

Milanesi (2002) contribui afirmando que os educandos são os usuários mais assíduos de uma biblioteca, na busca de expandir suas tarefas escolares, desta forma adquirindo mais destreza nessa atividade. Entende-se esta assiduidade pelo fato desta biblioteca apresentar um vasto acervo, tanto com produções antigas quanto atuais, bem como o ambiente calmo e tranquilo salientado pelos entrevistados que, muitas vezes, não encontram nas bibliotecas de suas escolas.

5.2 Relevância da Biblioteca

Em relação à importância da Biblioteca para a cidade do Rio Grande, os entrevistados responderam:

“Para preservar conhecimento adquirido”. (P2)

“Eu acho que a importância dela é também para possibilitar jovens que não têm tanta comunicação com as bibliotecas de suas escolas para vir aqui conhecer, para ter mais entendimento”. (P5)

“Em minha opinião ela é importante em todos os aspectos possíveis, ela traz uma longa história, ela é uma das mais antigas, auxilia os sócios e a comunidade pode pesquisar quando quiser” (P7).

“Para mim a Biblioteca é importante porque ela é parte integrante. Ela tem importância para a cidade do Rio Grande, pois ela tem documentos que muitas vezes não são encontrados em outros locais como uma biblioteca escolar, que dificilmente tem material de 1940 por aí”. (P8)

No que se refere à importância da Biblioteca para a cidade do Rio Grande, nota-se que os entrevistados entendem que ela representa a possibilidade da disseminação do conhecimento através de materiais dificilmente encontrados em outras bibliotecas. Ela é referência no que tange ao acervo raro, histórico, documental e cultural existente nos cinco andares de livros presentes em seu interior e disponíveis à comunidade.

Rodrigues (2014) ressalta que a história da Biblioteca Rio-Grandense teve papel fundamental para o desenvolvimento cultural, social e de identidade da comunidade rio-grandina, pois antigamente proporcionava acesso ao ensino gratuito por meio de cursos de alfabetização, posteriormente emprestou seu espaço para os primeiros cursos da Escola de Engenharia da atual Universidade Federal do Rio Grande (FURG), e desde sua fundação contribuiu para a aquisição de informação em diversas áreas do conhecimento para todos que tenham interesse em usufruir de seu vasto acervo bibliográfico.

Quando questionados se reconheciam a Biblioteca como parte integrante de um roteiro turístico da cidade, a maioria dos entrevistados referiu conhecer:

“Já ouvi.” (P1)

“Não.” (P2)

“Sim.” (P4)

“Sei”. (P5)

“Não sabia do roteiro turístico.” (P9)

O reconhecimento da Biblioteca Rio-Grandense enquanto parte integrante do roteiro turístico da cidade do Rio Grande não é totalidade entre os participantes do estudo, no entanto a maior parte deles sabia da realização desta atividade, o que pode estar relacionado à vivência dessas pessoas na Biblioteca, no que se refere à frequência com que a utilizam. O fato de alguns participantes não conhecerem esse aspecto nos remete ao que já foi discutido sobre a necessidade de uma divulgação mais efetiva da Biblioteca, pois conhecendo-a integralmente, são abertas novas possibilidades de participação da comunidade.

Para Rodrigues (2006), o turismo pedagógico surge para dar subsídio para as escolas em suas saídas de campo educativas (viagens), com a intenção de adquirir conhecimento, em que as visitas às bibliotecas fazem parte dos roteiros culturais. Existe também um roteiro turístico local na cidade do Rio Grande, intitulado Roteiro da Praça Municipal, elaborado pelo arquiteto Oscar Décio Carneiro no ano de 2007, o qual oportuniza que qualquer indivíduo possa conhecer, além de outros pontos turísticos da cidade, o entorno da Praça Xavier Ferreira, onde está situado o prédio da Biblioteca Rio-Grandense, podendo então conhecê-la tanto na parte externa quanto interna de suas instalações.

Quanto à opinião dos entrevistados sobre a importância de preservar e conservar a Biblioteca Rio-Grandense, responderam:

“Sim. Para não se perder o conhecimento que já existe para futuras gerações”. (P2)

“Sim. Ela representa o patrimônio histórico para a cidade do Rio Grande”. (P3)

“Claro. Porque é uma forma de valorizar a cultura local aqui e não é interesse só da cidade, mas para quem é de fora também”. (P4)

“Sim. Porque ela faz parte da história de Rio Grande”. (P6)

“Mas claro. Gostaria que fosse mais ainda. [...] ela tem uma história de toda a cidade do Rio Grande, ela é a mais antiga, então não tem por que não ser conservada. Pesquisadores também utilizam jornais antigos, eles sempre acabam achando materiais que estão procurando, até mesmo de outros países”. (P7)

“Sim. Acho muito importante, porque preservando tu consegues principalmente preservar materiais muito antigos para novas gerações. Muito material não muda muita coisa, mas alguns têm que ser atualizados, a biblioteca tem essa importância de ter mais materiais”. (P8)

Evidencia-se nos relatos que todos os entrevistados reconhecem a importância de preservar e conservar a Biblioteca Rio-Grandense e o precioso acervo nela contido, tanto na atualidade como para futuras gerações. A importância também se dá pelo fato de esta biblioteca ser a mais antiga do Estado do Rio Grande do Sul, recebendo sempre de portas abertas usuários de todos os lugares do país e até mesmo do exterior.

Chagas (2002) refere que a preservação das bibliotecas tem, além de uma função patrimonial, também social, pois estas se apresentam como lugares onde estão reunidos bens culturais preservados, como livros, periódicos, entre outros materiais que,

posteriormente, serão utilizados pelos diversos usuários que as frequentam, tornando-se parte do processo histórico e social desses indivíduos.

5.3 Patrimônio

Sobre o significado de patrimônio, expressam sua opinião:

“Preservação, costumes e cultura”. (P2)

“Patrimônio é algo que a gente preserva e guarda por toda a vida”. (P3)

“Patrimônio é tudo aquilo que é imensurável para as pessoas, seja de forma material ou intelectual e que contribui para a cultura daquela comunidade e para o desenvolvimento social e econômico”. (P4)

“Algo histórico que vai sempre ficar na memória”. (P5)

“Olha, para mim patrimônio é o que a biblioteca tem, materiais como: livros, jornais; materiais que precisam ser preservados para continuar sendo usados por muitas gerações”. (P8)

No que tange ao significado de patrimônio, os entrevistados relacionam com preservação, costumes, cultura e memória, assim como algo que deva ser preservado e que apresenta valor imensurável, contribuindo para a cultura da comunidade, bem como para o seu desenvolvimento social e econômico. Ainda referem que patrimônio compreende os materiais contidos na biblioteca, como livros e jornais. Percebe-se que os participantes deste estudo entendem o que é patrimônio e a importância de sua valorização e, em relação ao conhecimento da Biblioteca Rio-Grandense enquanto parte do patrimônio da cidade do Rio Grande, somente um entrevistado referiu não saber.

De acordo com Varine-Boham (1975), tendo em vista sua amplitude, o patrimônio cultural pode ser categorizado em três elementos distintos: o primeiro concerne ao meio ambiente, compreendendo os recursos naturais imprescindíveis para habitação; o segundo engloba os elementos que se referem ao conhecimento, às técnicas, ao saber-fazer e ao saber-executar, bem como à capacidade de sobreviver no meio ambiente; por último, a reunião dos bens culturais, como: construções, artefatos, objetos, a partir do meio ambiente e do saber-fazer. Esse terceiro conjunto de elementos remete à Biblioteca, aos bens culturais, à riqueza do acervo nela encontrado, compreendendo aspectos elencados como importantes de serem valorizados, na opinião dos entrevistados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo foi possível alcançar os objetivos propostos, de modo a conhecer a percepção dos usuários da Biblioteca Rio-Grandense a respeito do valor patrimonial e turístico dessa instituição para a cidade do Rio Grande, bem como averiguar se os usuários a identificavam como parte do patrimônio histórico e cultural local e como atrativo turístico da cidade.

Neste estudo os participantes expressaram suas memórias referentes à Biblioteca Rio-Grandense, elencando os principais momentos nela vivenciados. Foi possível perceber que a maioria dos usuários tinha alguma lembrança relacionada à Biblioteca Rio-Grandense e, muitas destas, diferentes entre si, as quais compreendiam momentos e fases de suas vidas.

Evidenciou-se que as ações de divulgação da Biblioteca não têm sido eficazes, pois, considerando a fase de ascendência e visibilidade nacional que a cidade está passando, a instituição tem somente pouco mais de quatrocentos sócios pagantes, um número pequeno em relação à grandiosidade do acervo. Pelo seu potencial, a diversidade de materiais históricos e raros, faz-se necessária uma mobilização da comunidade a fim de divulgar essa imensurável fonte de saber, à disposição de todos que tenham interesse de obter informações e, conseqüentemente, adquirir conhecimentos.

No que se refere à importância da Biblioteca Rio-Grandense para a cidade, é possível perceber que os participantes deste estudo entendem sua representação enquanto possibilidade de disseminação do conhecimento através de materiais dificilmente encontrados em outras bibliotecas, e no que tange ao reconhecimento dessa biblioteca enquanto parte integrante do roteiro turístico da cidade, a maior parte deles sabia disso, pois já observaram quando turistas chegam para conhecê-la e, muitas vezes, notam grupos em frente ao prédio com profissionais do turismo divulgando suas qualidades e atributos tão importantes para a cidade.

Demonstra-se nos relatos que todos os entrevistados reconhecem a importância da preservação e conservação da Biblioteca Rio-Grandense em todos os aspectos, não só por ser a mais antiga do Rio Grande do Sul, mas por receber de portas abertas usuários de todos os lugares do país e até mesmo do exterior e colocar à disposição seu vasto acervo, em suas instalações no centro da cidade, desta que começou como uma sala de leitura.

No que tange ao significado de patrimônio, os usuários associaram este aspecto à preservação, cultura e memória, de valor incalculável, contribuindo para a cultura da comunidade, bem como para o seu desenvolvimento social e econômico. Percebe-se que os participantes deste estudo entendem o que é patrimônio e a importância de sua valorização. Esta bagagem nada mais é que a herança deixada pelos colonizadores portugueses instigando o gosto pela leitura e disseminando a aquisição de conhecimentos.

Para que mais pessoas conheçam e frequentem a Biblioteca Rio-Grandense, sugere-se que haja uma campanha de incentivo para que os usuários tenham acesso e venham a se tornar sócios e dessa forma, usufruir desse grande tesouro cultural.

REFERÊNCIAS

ALTMAYER, F. L.; CARNEIRO, O. D. **Cidade do Rio Grande, 270 anos: a mais antiga do Estado**. Rio Grande: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <<http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/riogrande.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

ALVES, F. N. (Org.). **Bibliotheca Rio-Grandense: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2006.

ALVES, F. N. **Bibliotheca Rio-Grandense: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura**. Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense-30. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

AMARAL, S. A. Ações de promoção na Internet. In: _____. **Marketing da informação na internet: ações de promoção**. Campo Grande: UNIDERP, 2004. p.128-160.

BARBALHO, C. R. S. Biblioteca Pública do Estado do Amazonas: a construção de sentido do seu edifício. **Informação & Sociedade: estudos**. João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 1-16, 2002. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/155/149>>. Acesso em: 23 out. 2014.

BARDIN, L. Organização da análise. In: _____. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **A biblioteca pública: administração, organização, serviços**. Porto Alegre: ARB, 1999.

BORGHETTI, J. C. L. **Programa de educação patrimonial: Ame Rio Grande**. Rio Grande, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.02.2010/art_216_.sm>. Acesso em: 18 jul. 2014.

CABERLON, V. I. O curso de Biblioteconomia da FURG: trajeto em revista. **Biblos**, v. 13, p. 159-170, 2001.

CHAGAS, M. Cultura, patrimônio e memória. **Revista Ciências e Letras**, Porto Alegre, v. 27, n. 31, p. 15-29, jan.-jun. 2002.

DAMATTA, R. Você tem cultura? In: _____. **Explorações: ensaios de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

HARTOG, F. Tempo e patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul.-dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v22n36/v22n36a02.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2014.

IBGE. **Censo demográfico 2010 – Cidade do Rio Grande**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431560>>. Acesso em: 09 out. 2014.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Tombamento**. Brasília, [2014]. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=17738&sigla=Institucional&retorno=paginaInstitucional>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

IZQUIERDO, I. Memórias. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 6, 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000200006>. Acesso em: 23 out. 2014.

JACOB, C. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARANTIN, Marc; JACOB, Christian (Org.). **O poder das bibliotecas**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MILANESI, L. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PIRAGINE, M. L. R. **Cartilha Papareia: informativo turístico de A-Z do Município do Rio Grande**. Rio Grande: FURG, 1992.

RODRIGUES, F. L. L. Conceito de patrimônio cultural no Brasil: do Conde de Galvêias à Constituição Federal de 1988. In: MARTINS, Clerton (Org.). **Patrimônio cultural: da memória ao sentido de lugar**. São Paulo: Roca, 2006. p. 9-15.

RODRIGUES, M. C. Bibliotecas como lugares de memória: o caso sul-riograndense. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 10, n. 1, p.68-83, 2014. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/424/724>>. Acesso em: 05 jul. 2014.

RUSSIO, W. Cultura, patrimônio e preservação (Texto III). In: ARANTES, A. A. (Org.). **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 59-78.

SEGALL, M. **Controvérsias e dissonâncias**. São Paulo: Edusp/Boitempo, 2001.

SILVA, J. Bibliotheca Rio-Grandense: trajetória e percalços de uma biblioteca mais que centenária. **Biblos**, Rio Grande, v. 25, n. 1, p. 59-67, jan.-jun. 2011.

SILVA, T. E. Memória e Biblioteconomia: uma história sem fim. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. p. 1181-1187

SILVEIRA, A. **Marketing em bibliotecas e serviços de informação: textos selecionados**. Brasília: IBICT, 2009.

TORRES, L. H. Cronologia básica da história da cidade do Rio Grande (1737-1947). **Biblos**, Rio Grande, v. 2, n. 22, p. 9-18, 2008.

VALENTE, A. L. S. **Plano turístico**: Rio Grande, Cidade Histórica, Cidade do Mar. Rio Grande: FURG, 2006.

VALENTIM, M. P. (Org.). **Profissionais da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000.

VARINE-BOHAM, H. **Patrimônio cultural**: a experiência internacional. São Paulo: FAU-USP; Brasília: Iphan, 1975.